

OS CURUMINS E SEUS CONTOS



Pedro Scarton Libardoni

Coleção Pequenos Autores da Ilha

OS CURUMINS E SEUS CONTOS

Produção Literária dos Alunos do 4º Ano B

2024

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	5
APRESENTAÇÃO	7
CONTO DOS RIOS XINGU E AMAZONAS.....	9
NAIÁ, A LENDA DA VITÓRIA RÉGIA.....	10
O CAIPORA	11
O MENINO DO CABELO VERMELHO	12
AS MULHERES-ÁRVORE.....	13
A ORIGEM DO RIO AMAZONAS.....	14
A LENDA DO GUARANÁ	16
COMO SURGIRAM OS ANIMAIS	17
COMO NASCERAM AS ESTRELAS	18
A LENDA DO PIRARUCU	20
O QUE ACONTECE DURANTE A NOITE	21
COMO SURGIRAM OS DIAMANTES.....	22
O SETE ESTRELO	23
O CÉU AMEAÇA A TERRA	24
A FÁBULA DOS DOIS LOBOS.....	24
O CANTO DO PÁSSARO UIRAPURU	25
BOITATÁ	26
COMO APARECEU A REDE DE DORMIR.....	27
A DANÇA DO ARCO-ÍRIS	28
A ESPIGA DE MILHO	29

COMO SURTIU A ERVA-MATE	32
COMO SURTIU A NOITE.....	34
A LENDA DO AÇAI	34
POR QUE O JABURU É TRISTE	36
A ORIGEM DO SOL E DA LUA	37

AGRADECIMENTOS

Aos alunos do quarto ano B, que, com curiosidade e empenho, se envolveram neste projeto da disciplina de Língua Portuguesa “Indígenas brasileiros”, buscando valorizar a cultura e a arte literária dos povos originários.

Aos pais, que, com carinho, acompanharam as produções de seus filhos ao longo deste trabalho; e aos professores, que, de alguma forma, colaboraram na construção destes textos.

Agradeço à direção e coordenação da Escola da Ilha, por oportunizar e dar continuidade a este projeto “Pequenos Autores”, que busca instigar o gosto pela literatura, cultivando o hábito da leitura desde cedo e nutrindo a sua apreciação, de maneira a torná-lo algo inerente, espontâneo e prazeroso para nossas crianças.

Professora Silvana Sandrini Cenci

APRESENTAÇÃO

As crenças indígenas brasileiras são marcadas por histórias que tratam da natureza e da origem das coisas e são sempre cercadas de elementos místicos, que encantam os leitores.

São narrativas que fazem parte do folclore brasileiro e são uma manifestação cultural dos povos originários. Essas histórias são passadas de geração em geração por meio da oralidade e são uma das contribuições da cultura indígena para o Brasil.

Os contos indígenas são uma forma de valorizar a cultura e a arte literária dos povos originários e de promover a interação social. A leitura dessas histórias pode proporcionar uma rica visão da herança cultural do Brasil.

Neste livro, você terá a releitura de tradicionais lendas indígenas, escritas a partir do entendimento das crianças, trazendo uma visão de mundo que certamente resultou em muita conversa em sala de aula e agora fora dela.



CONTO DOS RIOS XINGU E AMAZONAS



Diz a lenda que antigamente tudo era seco.

Sem água, sem rio e muita, muita terra. Juriti, a ave, guardava toda a água em três grandes potes.

Um dia, os três filhos do Cinaã ficaram com muita sede e foram pedir um pouco de água para Juriti. Juriti nega e fala que era para pedir ao seu pai e que não daria a eles.

Voltando muito tristes para sua casa, Cinaã lhes pergunta onde estavam. Araquém (um dos irmãos) fala que estavam pedindo água para Juriti. O pai/pajé, espantado, fala que não era para voltar lá, pois tinha um tubarão enorme dentro de um dos grandes potes. Mas, sendo desobedientes, entraram escondidos no lar de Juriti e, com 6 lanças, quebraram todos os potes. Quando Juriti viu toda a sua água indo montanha abaixo, desmaiou.

Os meninos nadaram longe e rápido, mas Rubiatá (outro dos irmãos) perdeu o fôlego, e o enorme tubarão o comeu e o mastigou, só sobrando suas pernas. Os restantes, indo mais rápido que a água, faziam enormes buracos que, logo depois com as rajadas de água junto do enorme tubarão, formaram as cachoeiras, lagos e principalmente o rio Xingu.

Correram muito, mas muito, até conseguirem despistar o enorme tubarão. Enquanto andavam, acharam o corpo de Rubiatá no chão. Pegaram a sétima lança (que sobrou da destruição dos

potes) e cortaram a perna dele, derramando seu sangue em suas mãos e soprando. Ele voltou a vida. Foi quando o enorme tubarão passa ali por perto, fazendo outro enorme rio, o rio Amazonas.

Dessa vez, voltaram felizes, felizes até demais para eles que há poucas horas estavam chorando. O pai, desconfiado, pergunta a eles por que estavam tão felizes, e eles respondem que haviam quebrado os potes e que teriam água para o todo sempre.

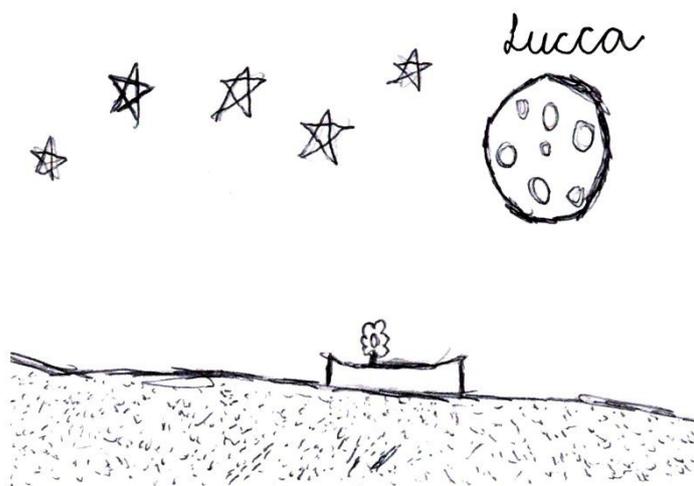
Gabriel Klaesener Hsiao

NAIÁ, A LENDA DA VITÓRIA RÉGIA

Conta a lenda que uma bela indígena, chamada Naiá, apaixonou-se por Jaci (a lua), que brilhava no céu a iluminar as noites.

Nos contos dos pajés e caciques, Jaci, de quando em quando, descia à terra para buscar alguma virgem e transformá-la em estrela do céu, para lhe fazer companhia. Naiá, ouvindo aquilo, quis também virar estrela, para brilhar ao lado de Jaci.

Durante o dia, bravos guerreiros tentavam cortejar Naiá, mas era tudo em vão, pois ela recusava todos os convites de casamento. E mal podia esperar a noite chegar, quando saía para admirar Jaci, que parecia ignorar a pobre Naiá.



Mas ela esperava sua subida e sua descida no horizonte e, já quase de manhãzinha, corria e corria até cair de cansaço no meio da mata.

Noite após noite, a tentativa de Naiá se repetia. Até que ela adoeceu de tanto ser ignorada por Jaci, e a moça começou a definhar.

Mesmo doente, não havia uma noite que não fugisse para ir em busca da lua. Numa dessas vezes, a indígena caiu cansada à beira de um igarapé. Quando acordou, teve um susto e quase não acreditou: o reflexo da lua nas águas claras do igarapé a fizeram exultar de felicidade!

Finalmente, ela estava ali, bem próxima de suas mãos. Naiá não teve dúvidas: mergulhou nas águas profundas e acabou se afogando.

Jaci, vendo o sacrifício da indígena, resolveu transformá-la em uma estrela diferente. O destino de Naiá não estava no céu, mas, sim, nas águas. Ao refletir o clarão do luar, Naiá virou uma vitória-régia, a grande flor amazônica das águas calmas, a estrela das águas, tão linda quanto as estrelas do céu e com um perfume inconfundível, que só abre suas pétalas ao luar.

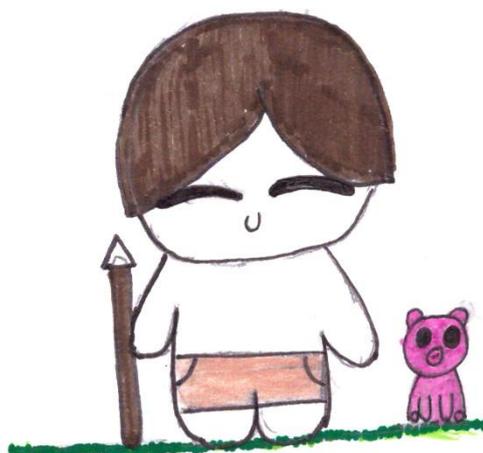
Lucca Almeida Barretto

O CAIPORA

Dizem que o caipora às vezes é mulher, outras vezes é homem.

Tem o corpo cheio de pelos crespos e é tão grande que, ao caminhar pelas florestas, faz um barulho assustador.

Ele é primo do curupira e o ajuda a proteger as florestas, os rios e os animais. Lento e calmo, o caipora faz sua ronda montado num porco-do-mato, levando nas mãos desajeitadas uma vara ou o seu tacape.



Isis

A vara serve para cutucar os agressores da mata quando estão dormindo em suas redes confortáveis. Os caçadores, os cortadores de árvores ou as pessoas que sujam os rios fogem apavorados ao sentir nas costelas a vara pontuda e afiada do caipora. Ele solta um longo assobio, avisando o primo curupira que há intrusos na floresta

O caipora e o curupira adoram fazer molecagens, juntos vivem se disfarçando de gente ou de bicho, só para rir da cara assustada que os agressores da natureza fazem das peças que lhes pregam.

Isis Teloken Vieira

O MENINO DO CABELO VERMELHO



Curupira, o protetor da floresta e dos bichinhos, vive escondido na mata para ninguém o ver; rápido e esperto, ele tem muita força.

Ele é visto como um menino de cabelos vermelhos e pés virados.

Quando encontra algum caçador tentando matar alguns bichinhos, o curupira faz barulhos para assustar o caçador, que sai correndo para pegar o curupira e acaba se perdendo por causa das pegadas ao contrário.

Luíza Chagas Moreira

AS MULHERES ÁRVORE



Uma vez, o chefe indígena Palop, chamou um jovem para ir buscar lenha para o fogo, mas não existia lenha igual aos dias de hoje. Palop deu um cesto, e lá se foi o jovem.

O jovem andou, andou e não achou a lenha, e, sim, uma jovem linda, cheia de enfeites da árvore Betikãï, que era também o nome da moça.

O jovem se despediu da moça e foi procurar a lenha. No caminho, achou outra moça também com o nome de uma árvore, que era Mekirakãï e era mais bonita que a outra.

Novamente ele partiu em busca de lenha e achou outra moça, e depois outra, e mais outras moças bonitas, todas com o nome de árvores, mas nada de achar lenha. Então, ele voltou para a sua aldeia.

Palop, então, explicou ao jovem que as moças bonitas eram a lenha, e ele não deveria ter pena de cortá-las.

O jovem voltou para mata, decidido a cumprir a ordem e cortar as belas moças-árvore. Mas, quando ele encontrou a primeira moça bonita, ele não conseguiu cortar. Na segunda, ele também ficou com pena. O mesmo aconteceu na terceira e na quarta, e em todas as outras. Ele então ficou, até a noite, pensando em como destruir coisas tão belas.

Nisso surgiu uma nova árvore-moça, que o jovem ainda não tinha visto. Ele a seguiu para dentro da floresta para pegar frutinhas com ela. Enquanto eles caminhavam, ele deu uma machadada nela, que caiu virando lenha. O jovem encheu o cesto de lenhas e levou para Palop.

A partir desse dia, nunca mais faltou lenha, porém não existiam mais as belas árvores-moça.

Luiza Maçaneiro Dias

A ORIGEM DO RIO AMAZONAS

Há muito tempo, o sol e a lua se apaixonaram, o sol ficou encantado pela lindeza da sua amada lua, e a iluminava de amor. A lua ficou desejando o calor do sol. Era um amor que dava gosto de ver, mas o amor deles era a distância, um para um lado, um para o outro.



Então, o sol mandou os passarinhos pedirem a lua em casamento. A lua logo avistou os passarinhos chegando, foi quando os passarinhos finalmente contaram a notícia do pedido

de casamento do sol para lua. Em seguida os passarinhos foram embora, e a lua começou a girar e a cantar cheia de alegria. O casamento foi marcado. O céu começou a se enfeitar com lindas flores para um lado e pássaros brancos para o outro. Mas, tinha alguém incomodado com a notícia do casamento, era o mar. Então ele disse aos noivos:

- Vocês não podem se casar, esse encontro vai acabar com o mundo. O amor ardente do sol vai queimar o planeta e a lua, com suas lágrimas, inundaria toda a terra. Por isso, vocês não podem se casar nunca. A lua apagaria o fogo e o sol evaporaria a água.

A lua não ligou para o que o mar falou, queria se casar de qualquer jeito, estava completamente apaixonada. O sol amava a lua, mas não queria destruir o planeta, então eles se separaram e o casamento foi cancelado. Um ficou lá num lado e o outro lá no outro lado e, por isso, quando a lua chega ao céu, o sol foge. A lua tentou até convencer o sol, mas nunca deu certo. Na primeira separação, a lua chorou muito porque seu sonho foi por água abaixo, e depois ela chorou mais e mais.

Foi, então, que as lágrimas correram por cima da terra até chegar ao mar. Mas o mar estava zangado com a lua e não deixou que as lágrimas se misturassem com suas águas. E o mar ainda tenta acabar com as lágrimas da lua com um estrondo forte, que os povos chamam de pororoca. E foi assim que as lágrimas da lua deram a origem do nosso Rio Amazonas.

João Vitor Gauer Leiva

A LENDA DO GUARANÁ

A lenda a seguir conta a origem do guaraná.

Um dia, um casal da vila Maués quis ter um filho para complementar sua alegria. E pediram ao Deus Tupã que tivessem



um filho ou uma filha. Como o casal era cheio de bondade, Tupã realizou o pedido da família, e a mãe engravidou de um lindo menino.

E quando Jurupari, o deus da escuridão, ficou sabendo da criança, ele ficou morrendo de inveja, pois a criança era muito bondosa e espalhava luz por onde passava.

O menino, um dia, foi pegar frutas, e o Jurupari, aproveitando a situação, virou uma cobra venenosa e mordeu o menino, o matando imediatamente.

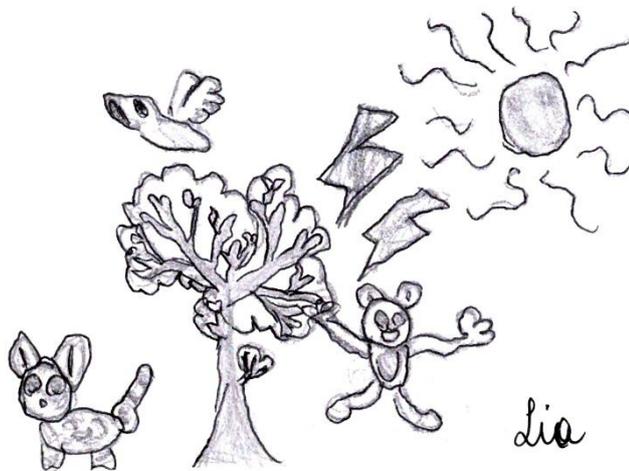
Quando a aldeia ficou sabendo da triste notícia, trovões e raios choraram juntos a morte do menino. A mãe, que também chorava muito, entendeu que os trovões e raios eram um enigma de Tupã. Entendeu que os raios indicavam onde os olhos do menino deveriam ser enterrados.

E assim surgiu o guaraná, um fruto muito comum da Amazônia, que se parece com olhos humanos. O guaraná é usado para fazer sodas e refrigerantes com sabor doce e gostoso.

Gabriel Terra Aly Raffaelli

COMO SURGIRAM OS ANIMAIS

Tinha uma época em que os animais não existiam. Nesse tempo, os indígenas guerreavam com o sol, jogando flechas nele, pedindo por animais para caçar. O sol não aguentava mais essa situação, então decidiu colocar um fim nisso.



Então, ele disse que iria dar uma árvore de jabuticaba para os indígenas e não animais. Os indígenas disseram que queriam os animais, e não a jabuticabeira, mas mesmo assim comeram os frutos e, quando estavam distraídos comendo, o sol lançou um raio, enquanto dizia:

- Vocês querem os animais? Aqui estão os animais!

O sol transformou os indígenas em animais e, assim, eles surgiram em nosso planeta.

Conta-se que, até hoje, alguns indígenas têm a magia em se transformar em animais. Nas cosmologias indígenas, homens e *animais* são entidades falantes, encantadas, que trocam de lugar; *animais* podem ser gente, gente pode ser animal.

Curiosidades

1) O que são cosmologias indígenas?

As cosmologias das populações indígenas representam modelos que expressam suas concepções a respeito da origem do Universo e de todas as coisas existentes.

2) Indígenas x Índios: Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o termo “índio” é resultado de uma confusão cometida por Cristóvão Colombo, o “descobridor das Américas”. Quando chegou ao continente, ele acreditava estar nas Índias, por isso os povos originários foram nomeados de “índios”.

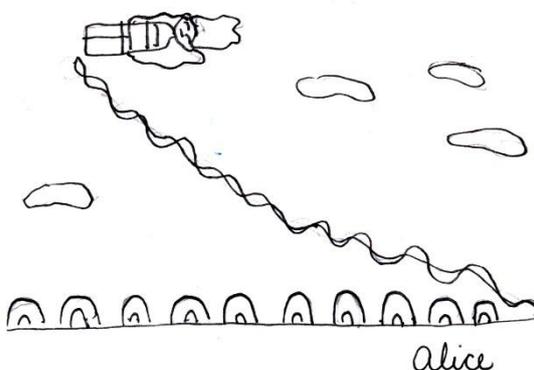
O termo retrata esses povos de maneira genérica, sem considerar as suas especificidades linguísticas e culturais, por exemplo. “Índio”, portanto, reforça **estereótipos preconceituosos**, que geralmente retratam os povos indígenas como selvagens, atrasados e preguiçosos.

Por outro lado, o termo “indígena” significa “**natural do lugar em que vive**”. É uma maneira mais respeitosa de se dirigir aos povos originários, entendendo que eles têm culturas e modos de viver variados, e merecem ser reconhecidos também por sua identidade individual.

Fonte: <https://www.educamaisbrasil.com.br/educacao/dicas/indio-ou-indigena-qual-termo-e-o-correto>

Lia Crispe Steckert

COMO NASCERAM AS ESTRELAS



Muito, muito tempo atrás, não existia nada no céu, nem estrelas ou a lua. A noite era tão escura, que ninguém saía de suas ocas.

De toda a comunidade, só uma jovem não tinha medo da escuridão. Ela era linda e tinha a

pele muito clara, diferente de todas as outras mulheres da comunidade. Por causa dessas diferenças, o povo da comunidade olhava para ela com desconfiança. Os homens não queriam namorá-la e as mulheres não conversavam com ela. A bela moça vivia em uma solidão horrível!

A bela moça, sentindo-se muito só, saiu para andar pela noite escura. Todos da comunidade ficavam aterrorizados, principalmente quando ela voltava dos passeios à noite falando que não tinha o que temer. Na mesma comunidade, tinha outra moça, uma criatura muito feia e estranha, que tinha inveja da bela moça. Com muito inveja e raiva, ela começou a andar pela noite também, mas não conseguia ver naquela escuridão, e cortou o pé nas pedras cheias de espinhos. Cheia de raiva e inveja, a moça feia foi falar com uma cascavel.

- Cascavel, quero um favor, sabe aquela jovem branca? - falou a invejosa.

- Aquela que anda pela a escuridão da noite? - respondeu a cascavel.

- Essa mesmo! - respondeu a invejosa - Quero que você morda os pés dela para que ela fique igual a mim, velha e feia.

Por pura maldade, a cascavel aceitou a missão, pois não gostava da jovem. Ficou de tocaia em cima de uma árvore, esperando ela dar seu passeio. Quando a moça passou, a cascavel mordeu o pé dela, mas tinha uma coisa que a cascavel não sabia, que a indígena tinha os pés descalços, mas com uma concha em cada pé. A cascavel mordeu as conchas e os seus dentes quebraram na hora.

- Ora, o que está acontecendo?! Por que quis me morder, cascavel?

- Uma mulher me pediu. Ela não gosta de você, igual a todo mundo. Eu iria te morder para você ficar velha e feia, igual a ela.

A jovem muito triste, não queria viver com pessoas que não gostavam dela. Então, ela pegou alguns cipós, trançou e pediu ajuda para uma amiga, a coruja, que voasse o mais alto possível e a prendesse no céu. Quando a jovem estava quase no final da subida, ela cansou, deitou em uma nuvem e pegou no sono. Em um passe de mágica, a jovem se transformou no mais belo astro: a Lua. Os homens arrependeram-se por menosprezar a bela moça. Eles passaram a amar a Lua. E quando a moça feia olhou para o raio do luar, ficou cega e se escondeu de vergonha em um buraco com a cascavel.

Alice de Aguiar Minetto

A LENDA DO PIRARUCU

Na história de Pirarucu, ele era um indígena muito malvado. O pai dele era o pajé da tribo, um líder bondoso. O Pirarucu vivia falando mal dos deuses, e quando seu pai saía, ele matava os indígenas da própria tribo.



Tupã castigou Pirarucu e pediu ajuda aos Deuses dos ventos e da chuva. O Deus supremo fez uma forte tempestade quando Pirarucu estava caçando peixe.

O Deus dos Deuses levou o indígena às profundezas do rio Tocantins e aprisionou o Pirarucu, transformando ele em um peixe gigante, que vive até hoje.

Juan Valentin Paier Gonzalez

O QUE ACONTECE DURANTE A NOITE

Quando chega a noite e o céu fica cheio de estrelas brilhantes, todo mundo vai dormir em camas ou redes.

Vários indígenas contam que, quando as pessoas vão dormir, as

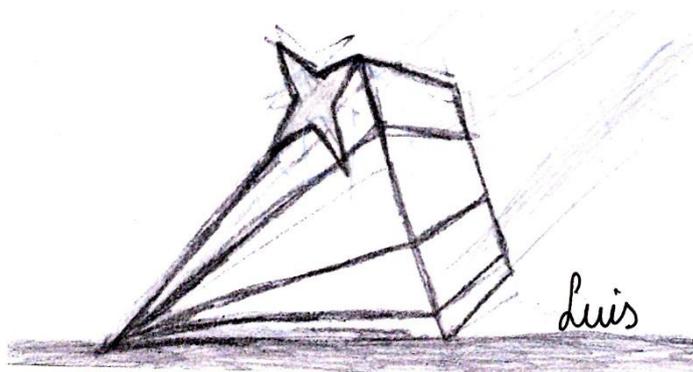


almas saem e voam para as estrelas como se fossem pássaros cantarolando, e ficam lá, brincando com o brilho das estrelas e se divertindo muito. Quando vai amanhecendo, as almas retornam de novo, voando como pássaros.

Lá no alto, dizem os indígenas, tem o Deus supremo, o que criou tudo o que se vê. E ele tem uma mensageira, que se chama **Anabanéri**, que é uma **índia-pássaro**. Quando a alma de todos voam para o alto, **Anabanéri** vem de lá, seguindo o caminho contrário, e vai direto para dentro dos corações de todos que dormem, ela fica cantarolando a cantiga muito linda dentro de seus corações.

Pedro Scarton Libardoni

COMO SURGIRAM OS DIAMANTES



Diz a lenda que um casal vivia na beira de um rio, junto da sua comunidade indígena. O homem era forte e valente, o seu nome era Itagiba, o

significado é “braço forte”. A mulher era jovem e bela, ela tinha o nome de Potira, que significa “flor”.

Um dia, outra comunidade indígena ameaçou a deles, e o Itagiba foi lutar na guerra. Todos os dias, Potira ia à beira do rio, de onde Itagiba partiu. Um dia, os homens voltaram. Eles venceram a guerra, mas Itagiba não estava com eles, pois morreu na batalha. Potira, quando soube da notícia, chorou muito e passou o resto da vida chorando.

Tupã percebeu que o amor de Potira por Itagiba era verdadeiro e resolveu homenagear o amor deles, transformando as lágrimas de Potira em diamantes.

E é por isso que se encontram diamantes entre as areias e cascalhos na beira dos rios.

Luis Eduardo Willemann Maia Costa

O SETE ESTRELO

Uma vez, sete meninos foram brincar na mata, mas suas mães falaram para não irem muito longe.

Mas eles foram para bem longe, até o céu começar a escurecer.



Eles, com medo, com fome e com sono gritaram:

-Mamãe, Papai!

Mas seus pais não escutaram.

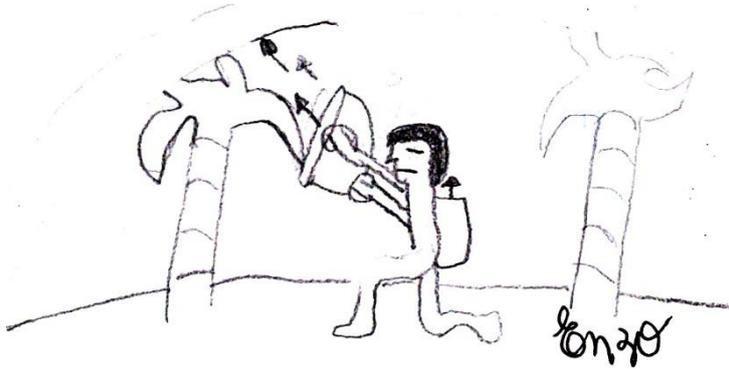
Já bem tarde, seus pais resolveram procurá-los, mas não acharam ninguém. Seus pais ficaram preocupados, pois lá tinha onças, jacarés, boitatás, o curupira e cobras gigantes e, assim, seus pais acharam que tinham sido comidos.

Perdidos, os meninos choravam, achando que seria impossível que alguém os achasse. Então um dos meninos viu vários cipós e teve a ideia de amarrar eles e lançá-los até o céu, pois assim poderia ver o mundo lá. E começaram a subir, a subir, em direção às estrelas. E, quando estavam quase chegando, os cipós caíram, e assim os meninos não puderam retornar.

Tupã, o deus do trovão, teve pena deles e os transformou em estrelas. E dizem que até hoje podemos ver sete estrelas em uma direção.

Cauã de Amorim Pereira

O CÉU AMEAÇA A TERRA



Há muito tempo, tinha meninos e meninas do povo Ikolen-gavião, eles estavam observando o céu estrelado, quando

um velho pajé lhes conta que antigamente o céu quase esmagou a terra.

Era muito tempo atrás, no começo dos tempos. A humanidade esteve por um fio, podia ser o fim do mundo. Nessa época, o céu ficava muito longe da terra, estava tão longe, que mal dava para ver. Ouviram um estrondo, e o céu começou a descer, ninguém conseguia ficar em pé do tremor, e começaram a se esconder, e só os coqueiros e mamoeiros seguravam o céu. Apesar de as pessoas estarem com medo, poderiam estar experimentando tocar o céu. Aí, um menino pegou algumas penas de nambu e atirou suas flechas. E, com as flechadas, o céu subia um pouco, precisou de três flechas para o céu ficar como é hoje.

Enzo de Souza Silveira

A FÁBULA DOS DOIS LOBOS

Um dia, um jovem chamado Cherokee foi pedir um conselho para seu avô, porque um de seus amigos havia acabado de fazer uma injustiça contra ele.

O avô olha para o menino e diz:

— Já tive esse sentimento, mas a raiva só dói em quem sente e não fere o inimigo, é como beber veneno, desejando que o outro morra.



O jovem continuou olhando confuso para o avô, e o avô continuou:

— É como se existissem dois lobos dentro de mim, um do bem e outro do mal. O do bem vive em paz, em harmonia com todo mundo. Ele sabe a hora certa de se defender e não se abala. Ele só morde quando é necessário e faz isso com lealdade e de maneira reta. Mas o outro lobo, é cheio de raiva. Ele briga com todos, sem motivo, toda hora. Se abala muito fácil e machuca a todos. Ele morde as pessoas sem motivo e com maldade. Então é muito difícil conviver com esses dois lobos. Porque os dois brigam tentando dominar minha alma.

O índio Cherokee, pergunta ao avô:

— E qual deles vence?

O avô diz sorrindo com sabedoria:

— Vence aquele que eu alimento!

Miguel Ramos Soares Damaso

O CANTO DO PÁSSARO UIRAPURU

Há muito tempo, aconteceu que duas cunhãs, filhas de um chefe, princesas de um povo da mata, começaram a gostar de um guerreiro, as duas eram lindas, mas o guerreiro só podia se casar



com uma das duas. Então ele propôs um desafio, a que melhor conseguisse atirar a flecha no alvo se casaria com ele.

Então, a primeira acertou o alvo e a segunda errou, a primeira se casou com ele e foram morar na floresta. E a outra chorou até formar um rio. O Tupã, deus do trovão, ficou com dó dela e transformou ela num pássaro, o Uirapuru, para ela o ver na floresta. Só que, chegando lá, ela viu os dois felizes e chorou mais ainda. Então, o Tupã resolveu dar ela o canto mais lindo do mundo, que até os outros pássaros paravam de cantar para ouvir.

Diz que quem ouve este canto, fica feliz como ela nunca poderá ser.

Marco de Souza Silveira

BOITATÁ

Há muito tempo, num dia comum, a escuridão tomou o dia frio e chuvoso, ninguém podia caçar nem se esquentar com fogo.

Logo veio uma tempestade gigante e inundou todo o lugar, nenhum animal sobreviveu... a não ser uma cobra coberta pelo fogo, a única luz naquela noite, despertou de seu tronco e rastejou pela floresta se alimentando dos olhos dos animais mortos.



Francisco Vanelli Soares

COMO APARECEU A REDE DE DORMIR

Antigamente não existia a rede de dormir. Homens e mulheres dormiam no chão e nas árvores. Um dia, o pajé Tamaquaré decidiu que estava cansado de dormir no chão. Ele tinha medo de os animais machucá-lo e cair da árvore com sua mulher.



O pajé resolveu pedir ao Tucano para resolver o problema dele. Nessa época, o Tucano tinha um bico pequeno e falava muito. O Tucano pensou muito. Pegou vários cipós da floresta e começou a entrelaçar os cipós. Depois ele amarrou o cipó entrelaçado em duas árvores e mostrou para Tamaquaré.

O pajé gostou muito do trabalho feito pelo tucano. Porém, ele não queria que ninguém soubesse disso e mandou o tucano não contar para ninguém.

Na festa de casamento do pajé, o tucano comeu e bebeu o que podia. O tucano falou bem alto:

- Lindo casamento do pajé. Agora ele não vai dormir mais no chão.

O tucano mostrou a rede para todos os convidados. Todos ficaram de boca aberta com a rede. Tamaquaré ficou com muita raiva, cuspiu no chão, puxou o nariz do tucano bem forte e falou:

- Agora você vai aprender a ficar de bico fechado.

Depois disso, o tucano ficou com um bico grande, voava curto e não podia mais falar muito, só falava nhé-nhé-nhé.

Theo Couto Carvalho Barra

A DANÇA DO ARCO-ÍRIS (O espetáculo da natureza na visão dos indígenas)



Há muito, muito tempo, tinha uma tribo em cima de uma nuvem e essa tribo era muito feliz. As pessoas dessa tribo se alimentavam de aves abatidas com flechas.

Certo dia, um caçador, tentando pegar uma ave, errou a pontaria e a flecha foi parar no chão. Pegou o binóculo para ver onde a flecha foi parar e viu que lá embaixo da nuvem tinha outro mundo. Espantado, o caçador não contou a ninguém do tribo.

No outro dia, ele voltou ao mesmo lugar que viu o outro mundo, não enxergou mais nada. Por acaso, ele pisou em uma corda e percebeu que se descesse na corda, ele iria parar lá nesse outro mundo. Então, ele resolveu descer e foi parar em uma aldeia indígena, onde encontrou uma linda indígena, que lhe deu as boas-vindas. Ela ficou muito surpresa em ver que ele veio do céu. Conversaram bastante. O caçador ficou sabendo que o lugar em que morava era conhecido pela aldeia, e chamavam de mundo das nuvens. Era formado pelas águas, que evaporavam, na verdade era chuva.

A menina tinha muita vontade de ir às alturas, acabou dando uma recompensa para poder subir. A família, muito curiosa, resolveu seguir pra saber aonde ela iria.

As duas famílias se conheceram e se deram muito bem. Era um sobe e desce muito grande do céu, até que um belo dia a corda arrebentou, e resolveram fazer uma escada.

A família do caçador não estava gostando nada, nada desse namoro, porque eles não conseguiam mais caçar. Então, o caçador quebrou a escada, assim ninguém conseguiu mais subir. A indígena ficou com seu namorado, passando alguns dias muito triste e com saudade da família. O caçador, muito esperto, descobriu a solução para a esposa matar a saudade. Um dia, estava brincando com um cristal e percebeu que formou um arco-íris do céu até a terra. Assim, sua esposa sempre que sentia saudade da família descia até a terra por este arco-íris.

Joaquim de Souza Budzinski

A ESPIGA DE MILHO

Dizem que o primeiro a encontrar uma espiga de milho foi um macaco gritador. Quando o macaco viu a espiga, começou a examiná-la, depois mordeu a espiga e ficou maravilhado.



– Que delícia! – falou o macaco. Rapidamente ele olhou em volta para ver se ninguém estava o observando, porque poderiam roubar a espiga.

– Vou guardar a espiga para o jantar – disse o macaco para si mesmo. E o macaco escondeu a espiga debaixo da terra, depois foi brincar na floresta. Ali havia uma palmeira, que tinha visto tudo o que o macaco tinha feito, e, com suas raízes, pegou a espiga e botou bem no fundo da terra.

Quando o macaco voltou, começou a cavar e cavar, e não encontrou a espiga, e ali estava a palmeira dormindo.

– Onde botou a minha espiga, palmeira? – falou o macaco. Mas a palmeira ficou no silêncio da morte.

– Não faz mal, você vai me falar a verdade quando eu trazer o fogo para te queimar! – falou o macaco. E o macaco foi falar com o fogo.

– Fogo sai daí e vem queimar a palmeira que roubou minha espiga de milho! – grita o macaco. Mas o fogo também não respondeu. E não saiu de sua toca, e nem se quer saiu uma faísca. Aquilo tinha deixado o macaco muito zangado.

– Fogo, você me ajudará com boa vontade, quando falar para a água te apagar – fala o macaco. E lá se foi o macaco, falar com a água. Só que a água também não se mexeu. E o macaco saiu dali muito irritado, e foi falar com o tapir para beber toda a água.

O tapir estava quase dormindo, e nem deu bola ao macaco.

– Você vai acordar com certeza quando eu mandar o cão vir até aqui! – fala o macaco muito bravo, que vai até a casa do cão.

– Cão, vai depressa matar o tapir! – ordenou o macaco.

– Por que você se preocupa com meu estômago, se ele já está cheio? – falou o cão e, com grosseria, virou-se de costas para o macaco.

– Quero ver se você não vai atrás do tapir quando chamar a onça! – fala o macaco, quase expluindo de raiva. Não se aproximando demais, o macaco falou à onça:

– Onça, vi um cão bem gordo, de lamber os beiços...corre, para que ele não escape!

– Não me deixo levar por um simples macaquinho – fala a onça.

– Então terei que chamar os caçadores – falou o macaco, e o macaco saiu correndo para falar com os caçadores.

– A onça! A onça! Venham comigo! - grita o macaco.

Os indígenas agarraram seus arcos e flechas envenenadas e não perderam tempo, saíram correndo atrás do macaco. Assim que a onça viu os caçadores, obedeceu ao macaco e atirou-se sobre o cão, o cão sobre o tapir, o tapir sobre a água, a água sobre o fogo e o fogo lambeu a palmeira, que começou a pegar fogo.

– Isso! Deixe eu aqui pegando fogo! - fala a palmeira

– Eu devolverei sua espiga de milho – fala a palmeira se contorcendo de dor. Mas o macaco não saboreou sozinho, deu uma migalha a cada indígena. E foi assim que os indígenas descobriram a espiga de milho.

Valentina Imperiano Guedes Pimentel

COMO SURTIU A ERVA-MATE



Conta uma lenda, bem antiga, que os guerreiros de uma aldeia tinham partido para a guerra. Um homem, por ser muito fraco, teve que ficar. E ele ficou revoltado com isso, chorando no alto da

colina, enquanto observava os jovens guerreiros indo em direção à guerra.

O velho se lembrava de quando era um forte e valente guerreiro. E sua tristeza ficava cada vez maior.

A sua única alegria era sua filha, que se chamava Iari. Era uma jovem muito bela, muito linda, mas recusava todos os pedidos de casamento para poder ficar com seu pai.

Um dia, chegou um estranho viajante na oca do velho. Ele tinha roupas coloridas e olhos com o brilho do céu azul. O velho rapidamente percebeu que o viajante vinha de muito longe dali. Pai e filha o receberam muito bem. Iari ofereceu os melhores frutos e o mel mais doce. O velho contou suas façanhas de quando era jovem, com uma riqueza de detalhes. Tudo aquilo era feito para agradar ao estrangeiro.

No dia seguinte, com o nascer do sol, o homem estava pronto para partir. Ele disse para o velho:

- Você é um bom homem. E sua bondade merece ser premiada. Eu sou um mensageiro de Tupã. Você pode pedir o que quiser que será seu.

O velho coçou a cabeça e respondeu:

- Meu amigo, eu não mereço nada pelo que fiz! Mas gostaria de uma força para minha velhice. A minha filha cuida de mim, mas se tivesse força de novo, ela poderia criar sua própria família, é só isso o que te peço, uma força para que eu tenha novamente ânimo.

O mensageiro sorriu, trazia uma planta com folhas verdes. Ele entregou a planta ao velho e disse:

- Plante essa erva e deixe crescer. Você vai ferver e tomar o seu chá. Fazendo isso, vai ter a força que deseja, afinal essa erva tem a força do próprio deus tupã. Ela trará energia para todos da aldeia. E sua filha será, a partir de agora, a protetora das florestas e vai mostrar para todos a erva-mate

E, desde então, Caá-lari, que é como lari foi conhecida, é a deusa das ervas. Em seguida, o homem partiu. Tinha dito a pura verdade, o velho recuperou as forças que tinha perdido e nunca mais passou necessidade. Porém, lari ficava preocupada com o pedido do estranho. Ele queria que ela espalhasse o mate pelo mundo, mas como? Estavam longe de tudo, longe de todos! Sem saber o que fazer, ela e o pai saíram para a floresta para espalhar a notícia para todos, para todo mundo.

Mateus Marques De Mattos Bandeira

COMO SURTIU A NOITE

Havia alguns homens que queriam dormir, mas não conseguiam, pois tinha o sol, que não parava de fazer luz. Então, passou um velho, que veio de muito longe. Ele falou que tinha um monstro, que guardava dois vasos, um pequeno e outro grande.



Os homens foram à caça dos vasos.

Primeiro, foi o pequeno. Depois que eles quebraram o pequeno, eles saíram correndo, aí ficou escuro. Os homens tentaram dormir, mas aquela escuridão não durou tanto tempo.

E aí foram tentar quebrar o outro vaso. Eles conseguiram. E depois todos os homens saíram correndo, até que ficou tudo escuro, para todo o sempre.

Kaio Orlandi Braga

LENDA DO AÇAÍ

Conta a lenda que há muito tempo, quando ainda não existia a cidade de Belém, vivia nesse local uma aldeia indígena muito grande.

Como os alimentos eram insuficientes, tornava-se muito difícil conseguir comida para todos da aldeia, então o cacique Itaki



tomou uma decisão muito cruel: todas as crianças nascidas a partir daquele dia seriam sacrificadas para evitar que a população da tribo aumentasse. Até que um dia, a filha

do cacique, Iaçã, deu à luz a uma menina, que também teve que ser sacrificada. Iaçã ficou desesperada, chorava todas as noites, de saudade de sua filha. Ficou vários dias isolada em sua oca e pediu a Tupã que mostrasse ao seu pai outra maneira de ajudar seu povo.

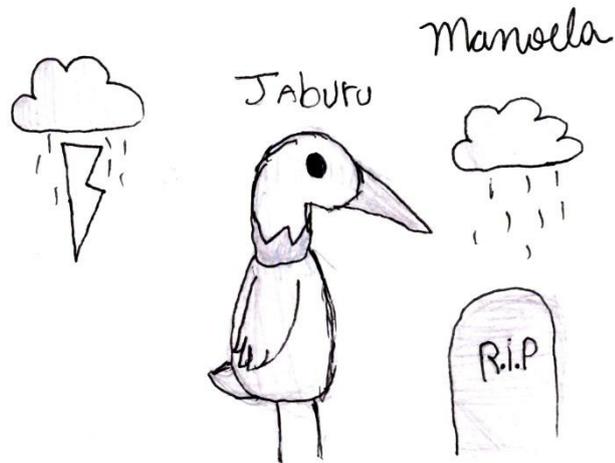
Certa noite de lua cheia, Iaçã ouviu um choro de criança. Aproximou-se da porta e viu sua filhinha, sorridente, ao pé de uma palmeira. Inicialmente, ficou parada, mas, logo depois, atirou-se em direção à sua filha, abraçando-a. Porém, misteriosamente sua filha desapareceu, Iaçã, inconsolável, chorou muito até perder as forças.

No dia seguinte, seu corpo foi encontrado abraçado ao tronco da palmeira, porém, no rosto, trazia ainda um sorriso, e seus olhos olhavam o alto da palmeira, que estava cheia de frutinhas escuras. Itaki, então, mandou que pegassem os frutos, deles foi obtido um suco avermelhado, que chamou de açaí (Iaçã ao contrário) em homenagem à sua filha. Alimentou seu povo e suspendeu a ordem de sacrificar as crianças.

Leonardo Ryusuke Okara

POR QUE O JABURU É TRISTE

O Tuiuiú ou Jaburu é a maior ave aquática voadora das Américas, que pertence ao grupo das cegonhas, ave símbolo do Pantanal, região que fica no centro-oeste do Brasil. E você sabia que existe uma história misteriosa, conhecida como **lenda do tuiuiú**, que explica a expressão de tristeza das aves?



A lenda indígena, que vou contar, mistura histórias que aconteceram de verdade, com imaginação, sobre os tuiuiús.

Um casal de indígenas, que moravam perto de um rio, amava os animais, especialmente os tuiuiús. E esse amor pelas aves fez que nascesse uma grande amizade.

A lenda conta que sempre que os tuiuiús estavam com fome iam pedir comida ao casal, o indígena guerreiro sempre deixava alguns peixes para as aves. Até que, um dia, a velhice chegou, e a morte levou os dois ao mesmo tempo.

Amizade, morte e tristeza criaram a Lenda do Tuiuiú.

Em homenagem ao casal, que morreu abraçado em uma rede, sua tribo, o enterrou junto, no mesmo local em que os dois costumavam alimentar as aves. E a partir daí os tuiuiús passaram a ficar muito tempo sobre o monte de terra que cobria os corpos, esperando por comida.

O tempo passou, e os tuiuiús continuaram esperando no morro por alimento, mas como isso não ocorreu. Diz a **Lenda do Tuiuiú** que as aves foram ficando cada vez mais tristes, com o olhar baixo e direcionado ao chão.

Assim, como conta a lenda, a expressão de tristeza observada na face das aves era o resultado da tristeza dos animais pela morte dos amigos. E, assim como o casal, os tuiuiús são aves fiéis aos seus amigos e companheiros, vivendo juntos por toda a vida.

Manoela Dinaroski Ferreira

A ORIGEM DO SOL E DA LUA



Há muitos e muitos anos, em uma pequena aldeia indígena, vivia um casal que sonhava em ter filhos. Até que um dia, eles tiveram dois filhos: um menino e uma menina. Para a felicidade dos pais, eles se davam

muito bem e nunca brigavam. O tempo foi passando e, quando os dois ficaram adultos, aconteceu algo impossível de se imaginar: os dois não paravam de brigar!!! Os pais ficaram tristes e espantados.

Na verdade, quem mudou foi o filho, que tinha inveja da beleza da sua irmã.

A menina, cansada das implicâncias do seu irmão, não sabia mais o que fazer para fugir das maldades.

Mas, um dia, ela teve uma ideia:

-Vou fugir para o céu só assim poderei escapar do meu irmão.

A menina, então, foi para o céu, e se transformou na lua. O menino, sabendo o que a irmã fizera, ele ficou triste e arrependido. Então ele tomou uma atitude.

- Não poderei ficar sem minha irmã, irei para o céu com ela.

Ele foi para o céu junto com a irmã, e virou o sol.

E ele não parou mais de correr atrás dela, a cada vez que ele conseguia abraçá-la, causava um eclipse lunar.

Ana Beatriz Bastos Gomes

OS CURUMINS E SEUS CONTOS

PRODUÇÃO LITERÁRIA DOS ALUNOS DO 4º ANO B DO FUNDAMENTAL

Professora Responsável: SILVANA SANDRINI CENCI



Autores

ALICE DE AGUIAR MINETTO
ANA BEATRIZ BASTOS GOMES
CAUA DE AMORIM PEREIRA
ENZO DE SOUZA SILVEIRA
FRANCISCO VANELLI SOARES
GABRIEL KLAESENER HSIAO
GABRIEL TERRA ALY RAFFAELLI
ISIS TELOKEN VIEIRA
JOÃO VITOR GAUER LEIVA BARBAGELATA
JOAQUIM DE SOUZA BUDZINSKI
JUAN VALENTIN PAIER GONZALEZ PARADA
KAIO ORLANDI BRAGA
LEONARDO RYUSUKE OKADA CAMILO
LIA CRISPE STECKERT
LUCCA ALMEIDA BARRETTO CATAPANO
LUIS EDUARDO WILLEMANN MAIA COSTA
LUIZA CHAGAS MOREIRA
LUIZA MAÇANEIRO DIAS
MANOELA DINAROSKI FERREIRA
MARCO DE SOUZA SILVEIRA
MATEUS MARQUES DE MATTOS BANDEIRA
MIGUEL RAMOS SOARES DAMASO
PEDRO SCARTON LIBARDONI
THEO COUTO CARVALHO BARRA
VALENTINA IMPERIANO GUEDES PIMENTEL

Edição Eletrônica e Arte Final: Humberto Raul Soares Filho / Lúcia Helena Pimentel e Silva

Escola da Ilha

Rua Vera Linhares de Andrade, 1910

Fone: 3233-5725

web: www.escoladailha.com.br

e-mail: escola@escoladailha.com.br